

Universidade ultrapassa uma meta histórica

N. 23/6/89

★ Maior número de estudantes de sempre

◎ Apesar de enormes dificuldades, há perspectivas de desenvolvimento

A Universidade Eduardo Mondlane vai, no ano lectivo que está prestes a iniciar-se, atingir o maior número de sempre de alunos em cursos superiores, ultrapassando assim, pela primeira vez, o máximo alcançado, no tempo colonial, pela então Universidade de Lourenço Marques. É de notar que, já no ano lectivo passado, a UEM atingira uma outra importante meta: pela primeira vez, o número de professores moçambicanos ultrapassara substancialmente o de professores estrangeiros.

Tiveram início ontem, nos vários sectores da UEM, as actividades do chamado Ciclo de Observação, que constitui parte essencial da preparação do próximo ano lectivo, a começar em Agosto. Este Ciclo tem como objectivo a familiarização dos estudantes com os regulamentos universitários e dele fazem parte os testes diagnósticos, que em alguns casos definem quem terá ou não acesso à Universidade e, noutros casos, indicam para que curso será canalizado cada estudante.

O processo deverá ser este ano particularmente rigoroso, em especial no que respeita aos estudantes-trabalhadores, pois de quase 90 candidatos

to do número de bolsellos deveu-se, fundamentalmente, à necessidade de alojar e alimentar os estudantes provenientes das outras províncias do país, cujo quantitativo tem vindo sempre a aumentar. Da parte da UEM tem havido, com efeito, a preocupação de garantir que, em cada novo ano lectivo, entra sempre uma percentagem substancial de alunos das outras províncias que não Maputo, procurando-se assim corrigir gradualmente os desequilíbrios herdados do passado.

Em 1986, a situação de alojamento dos estudantes entrou em completa rotura, tendo sido necessário alugar alunos em salões do edifício do «Self».

tou ao Estado 628 275 meticais e ainda 5282 dólares norte-americanos.

O esforço de melhorar a Universidade tem-se manifestado também na abertura de novos cursos ou reabertura de outros que haviam sido encerrados. Só nos últimos quatro anos foram abertos ou reabertos os cursos de Arquitectura, Matemática, Direito, Química, Economia e Linguística. Para 1989 prevê-se a abertura dos cursos de Física e História e o de Linguística (para o qual existia apenas uma licenciatura especial) passará a ser dado desde o primeiro ano.

Hoje, a UEM tem já um maior número e variedade de cursos do que a ULM tivera, no tempo colonial.

Financiamentos da Comunidade Económica Europeia (CEE) deverão, por outro lado, permitir a próxima construção de laboratórios destinados ao ensino das ciências básicas, também no «campus».

No âmbito da Convenção de Lomé 3, está aprovado um financiamento de 2,5 milhões de ECU's para novos lares universitários.

Com apoio da cooperação italiana, deverá ser construída a nova Faculdade de Agronomia, na zona dos Pequenos Libombos. Outros importantes financiamentos estão também garantidos por parte da Holanda, Itália, República Federal Alemã e Suécia, havendo ainda projectos financiados pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e por outras organizações.

E igualmente de salientar o importante apoio que tem vindo a ser dado pela União Soviética, quer em material quer em docentes.

Com todas estas ajudas garantidas, pode-se dizer que, pela primeira vez desde a Independência Nacional, a Universidade tem perspectivas para novos investimentos significativos: isto quer dizer que, pela primeira vez, ela vai aumentar substancialmente a sua capacidade, por forma a corresponder melhor às necessidades do país.

Tal crescimento é absolutamente necessário, se levarmos em conta que, por um lado, a UEM está já a ficar sufocada pela avalanche de novos alunos que todos os anos a ela afluem. E que, por outro lado, o número de estudantes que ela forma está ainda longe de responder cabalmente às necessidades nacionais. Basta dizer que há, neste momento, em Moçambique, um estudante universitário para cerca de seis mil habitantes. Num país como a Zâmbia (para não comparar já com os países altamente desenvolvidos) tal proporção é de um para pouco mais de mil.

que se apresentaram, apenas cerca de 360 terão vaga na Universidade. A esse número deverão somar-se 406 alunos que transitam automaticamente do ensino pré-universitário (11.ª classe), perfazendo um total de quase 770 alunos que este ano frequentarão a Universidade pela primeira vez — o que é também o maior número de sempre.

A UEM terá assim, no ano lectivo que agora se inicia, cerca de 2800 alunos em cursos superiores, contra 2202 no ano passado e 2433 em 1974 — que foi o máximo do tempo colonial, altura em que a esmagadora maioria dos estudantes eram filhos da burguesia colonial que posteriormente vieram a abandonar o país. Como consequência deste êxodo, o número de estudantes da Universidade baixou para 877 em 1976 e para 750 em 1978. De então para cá o número tem vindo a subir paulatinamente até atingir o quantitativo actual.

É de salientar que desde 1987 que tem vindo a aumentar dramaticamente o número de candidatos à Universidade. Isto deve-se, por um lado, ao natural crescimento no âmbito do Sistema Nacional de Educação e, por outro, à revalorização, pelo Programa de Reabilitação Económica, das habilitações académicas. Assim, a subida mais notória verifica-se entre os estudantes-trabalhadores, reflectindo a necessidade cada vez maior que o trabalhador sente de elevar a sua qualificação académica a fim de auferir melhor salário.

PROBLEMAS PREMENTES

O crescimento do número de estudantes universitários, que é em si uma coisa boa, está no entanto a confrontar a UEM com enormes problemas. Já que praticamente não se fizeram investimentos neste sector desde a Independência Nacional e, por isso, a capacidade da Universidade é hoje pouco superior à que existia em 1975.

Onde os problemas se fazem sentir de forma mais dramática é no capítulo dos bolsellos — cujas dificuldades logísticas foram, aliás, o detonador do processo reivindicativo que recentemente se fez sentir naquele estabelecimento de ensino superior.

Em 1974, havia apenas 98 bolsellos na então Universidade de Lourenço Marques. No fim do ano passado, este número ascendera já a 987, decuplicando portanto. O grande crescimen-

sem nenhuma condição para o efeito. Em 1987, estudantes tiveram que ser hospedados na Pousada dos Caminhos de Ferro. Em 1988, com a recuperação do edifício que havia sido do Comissariado Político Nacional das FAM, na Avenida Mao Tsetung, o qual foi cedido pelo Ministério da Defesa Nacional, aumentou-se em 200 lugares a capacidade de alojamento dos lares universitários, que no entanto continua muito abaixo das necessidades.

Estas dificuldades são agravadas ainda pelo facto de a Universidade ter de disponibilizar alojamento para dezenas de professores nacionais que não dispõem de casa própria.

U. E. M. REFLEXO DO PAÍS

Os problemas da Universidade Eduardo Mondlane reflectem, em larga medida, os problemas de um país exausto pela guerra e cujos recursos estão à beira do esgotamento. É de notar que, dentro dos grandes condicionamentos existentes, o Estado tem feito um esforço para consolidar e desenvolver a Universidade, o qual se expressa, por exemplo, no facto de a UEM possuir um dos maiores orçamentos do país — em termos de órgãos centrais do Estado, só é ultrapassado pelos orçamentos da Defesa, Segurança, Saúde e Educação.

O custo do ensino universitário é, porém, extremamente elevado. No ano de 1988, cada estudante da UEM cus-

Outro aspecto digno de menção é a evolução do número de docentes moçambicanos. Assim, ainda em 1980 existiam apenas 47 professores nacionais, contra 193 estrangeiros. Em 1988, havia já 248 moçambicanos, contra 170 estrangeiros.

PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO

Apesar de a situação do país continuar muito difícil, como se sabe, há perspectivas animadoras para a evolução da Universidade nos próximos anos. Isto deve-se, essencialmente ao facto de se ter obtido garantias para alguns novos financiamentos de vulto — já que a UEM, como quase tudo o resto no nosso país, está altamente dependente da ajuda externa.

A agência de cooperação sueca, ASDI, disponibilizou dez milhões de coroas para novos lares universitários. O respectivo anteprojecto está já concluído e as obras deverão iniciar-se ainda este ano no «campus» universitário.

O Banco Mundial, por seu turno, operacionalizou um montante superior a dois milhões de dólares americanos a ampliação e apetrechamento da Faculdade de Engenharia e ainda para apoio à Faculdade de Economia. As obras deverão, igualmente, começar ainda no corrente ano. Com o Banco Mundial, está ainda em negociação um outro projecto.